

REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA E O DESIGN MODERNO

O processo de globalização pelo qual o mundo está passando trouxe consigo uma desconexão de valores e um acultramento das sociedades. A velocidade da comunicação e da imagem, o computador e os recursos tecnológicos não trouxeram consigo a exaltação e preservação das diferentes culturas, apesar da grande diminuição das fronteiras e do tempo, e ao contrário, impulsionaram o surgimento de verdadeiros dogmas morais.

As grandes marcas mundiais, grandes veiculadoras dessas ideias, além de transmiti-los e reforçá-los através de seus produtos, criam necessidades e sentimentos alheios aos indivíduos, a fim de aumentar sua penetração no cotidiano e conseqüentemente suas vendas. O objeto (produto), ou melhor dizendo, a sua representação social passou a ser o expoente dos valores do indivíduo ao mesmo tempo que um aglutinador, satisfazendo a necessidade do “pertencer”, do sentir-se conectado, parte de um grupo. Isso extrapolou os limites da família nuclear, criando-se nas sociedades novos grupos e novos pontos de ligação e identificação.

A rigidez dos papéis feminino e masculino também sofreu alterações, havendo uma flexibilidade maior e uma integração dos valores próprios de cada natureza em um mesmo indivíduo. O descontentamento e o medo do futuro, hoje muito mais aberto e repleto de caminhos, a grande diversidade e mutabilidade dos papéis assumidos pelo indivíduo, a impessoalidade das relações, gerou uma introspecção e um movimento de busca espiritual profundo, que as novas organizações sociais e estilos de vida deixaram de oferecer. Dentro da eterna dialética da existência essas transformações trouxeram profundas mudanças, mas ao mesmo tempo anseios de superação baseados nas insatisfações e lacunas morais e espirituais que criaram.

Os movimentos estéticos, literários, enfim, as produções humanas acompanham sempre essas transformações, seja como antítese ao que está vigorando, ou como síntese, como vanguarda, como precursores de novas ideias e valores. Ao mesmo tempo em que sugerem e trazem soluções, geram novas necessidades e expectativas. O ciclo é constante.

Acompanhando o movimento social, criou-se na joalheria um movimento de resgate étnico e histórico em contraponto à globalização e à grande massificação cultural, gerando assim um novo movimento de design multicultural, com produtos que contenham este apelo e estes conceitos a serem transmitidos ao consumidor. “... a cada avanço que o homem faz surge uma necessidade de revisita ao passado, não com o intuito de regredir ao que já foi, mas como uma confirmação e um resgate de sua própria história”.(1) Os produtos têm que ser direcionados aos diferentes grupos sociais, com apelos focados, para que haja a identificação, o acolhimento, o pertencimento. E através desse produto o indivíduo pode mostrar-se de diferentes maneiras e sentir-se representado por aquilo que está usando. Um aspecto importante é produzir “joias únicas” em massa e inseri-las em causas e contextos que sejam passíveis de identificação pelo indivíduo.

Símbolos religiosos, amuletos, pedras, enfim, aspectos figurados que representam a espiritualidade encontram grande eco nos dias atuais. E essa orientação ao cliente é de suma importância no tocante à comercialização da joia, tanto quanto sua inovação, sua qualidade, sua beleza e sua originalidade quanto ao local a ser utilizado no corpo.

A versatilidade da joia, sua utilização de diferentes formas e em diferentes locais vai de encontro à ideia de renovação e reciclagem tão presentes hoje em dia. Ao mesmo tempo supre um aspecto importante no tocante à questão monetária de aquisição de uma joia, mesmo que nos últimos tempos a ideia de riqueza e poder por ela representados tenha cedido espaço à estética e a moda cotidiana. O grande empecilho ao consumo, porém, ainda é o financeiro.

Outros aspectos que fazem parte dessas tendências na joalheria são a utilização de elementos da natureza, tais como sementes, cascas, penas, bem como gemas brutas que contenham poderes curativos e energéticos e transmitam ao indivíduo a ideia de uma proximidade com o belo, com o natural, com a força de sua essência. A feminilidade, os movimentos livres, as formas vazadas e orgânicas estão cada vez mais frequentes, aliados aos acabamentos rústicos, martelados e de diferentes texturas. Mais uma vez esses aspectos vão de encontro à ideia da força, da ousadia, da rebeldia, coincidindo com a posição da mulher moderna na sociedade, mesmo que de forma aparentemente frágil. É a força da joia sendo manifestada de uma forma plástica e suave, reforçando a ideia de criarem-se adornos que transmitam valores e que deem ao indivíduo a possibilidade de expressar-se através deles.

A reprodução de símbolos e figuras sejam elas de qualquer natureza, não se limitam a sua pura contemplação e reprodução, mas passam por um processo de associação de ideias, imagens e sentimentos que permite ao artista mesclar aspectos distintos e aparentemente incongruentes. Essa sublimação, essa leitura do mundo pelo artista, traduzidos em uma linguagem criativa e estética tornam a joia um produto mais acessível e verdadeiramente representativo.

O anel que alonga traz a ideia da mão divina, de dedos longos e delgados; de uma inteligência superior e de uma mão que acolhe e acaricia. Esse mesmo anel pode estar atado a uma pulseira, exaltando a unidade, a integração corporal, bem como resgatando a cultura indiana. O pingente que vira anel pode trazer a ideia do pulsar, da vitalidade, da energia que emana do coração sendo materializada pelas mãos que executam. Essas mesmas mãos que manufacturam joias e que imprimem a marca humana naquilo que a máquina também pode fazer. É a tecnologia ao dispor do homem e não a relação inversa.

Elos e espirais são canais de circulação, símbolos de fluidez, de vida. Pequenos tubos enfileirados remetem a ideia da individualidade inseridos em um todo maior, numa harmonia que gera o belo, que contextualiza, que abraça. Partes e todo.

Os formatos de crucifixo, ao invés de representarem a fé religiosa, expressam muito mais a necessidade de um consenso mundial, de transcendências espirituais, de busca de identificações globais.

A pedra bruta, morada dos deuses e local de veneração religiosa para os povos primitivos, vai além da expressão rudimentar e primordial da escultura, transmitindo hoje, em uma joia, a pureza, a essência, a força intrínseca da vida, talvez a mesma procurada pelo homem primitivo em seus cultos venerativos.

Círculos expressam a totalidade da psique humana. Confortam e atraem. Triângulos sobrepostos remetem ao processo de criação, de nascimento, de tensão das rupturas intrínsecas às novas inovações. As mandalas budistas, com suas formas geométricas e figurativas expressam a relação do cosmo, do poder divino com o homem. E num processo inconsciente essa mesma estrutura é utilizada e reproduzida em qualquer tempo e espaço, pois é o instinto humano que está sendo sublimado, materializado na arte, diferenciando-o assim do animal.

“Será que alguma vez entendemos o que pensamos? Entendemos apenas tal pensar como uma mera equação da qual nada se extrai que não tenha sido colocado.

Esta é a maneira de funcionar do intelecto. Mas além dela, há um pensar em imagens primordiais – em símbolos que são mais antigos do que o homem histórico; que se arraigaram nele desde os primeiros tempos e, permanecendo vivos eternamente, sobrevivendo a todas as gerações, continuam compondo a base da psique humana. Só é possível viver-se plenamente a vida quando estamos em harmonia com esses símbolos; a sabedoria é um retorno a eles. Não é uma questão de crença nem de conhecimento, mas de concordância do nosso pensar com as imagens primordiais do inconsciente. Elas são as fontes de nossos pensamentos conscientes e uma dessas imagens primordiais é a ideia da vida após a morte.”(2)

(1) Jóias 2001 – Tendências, Cidda Siqueira, Regina Machado. – Brasília: IBGM 2001, pp.09.

(2) Carl G. Jung, O homem moderno em busca da alma (Harcourt, Brace and Company, Nova York, 1936), pp. 129-139.